



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 11 – Nº 24 - Julho – Dezembro/2016

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

CRIANÇAS

Autor:

Elino da Silva¹

¹ Mestre em Educação. Professor do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. Disciplinas: Psicologia em Educação; Educação Inclusiva; Avaliação Escolar; Princípio e Fundamentos em Orientação Educacional. São Miguel do Oeste, SC. elinasilva@hotmail.com

CRIANÇAS

RESUMO: O presente artigo tem com eixo temático uma análise sobre a falta de compreensão de pais, escolas e professores com relação às crianças da atualidade e seus comportamentos diante de um mundo e de um ambiente diferente daquele no qual nós, os adultos de hoje, fomos criados. Tem como objetivo refletir sobre o comportamento de crianças de creches e escolas, ouvindo o que elas pensam delas mesmas diante de conflitos com pais e professores, e o motivo de tais conflitos. As narrativas nos trazem à luz situações complexas e incompreensões sobre o que realmente as crianças querem e gostam, tanto de pais quanto de professores. No decorrer das entrevistas, as crianças tratadas como problemáticas, tanto por pais, professores e também pela sociedade, são crianças que têm sonhos, que querem ser responsáveis, querem ser alguém. No entanto, percebeu-se que, na maioria das vezes esses sonhos são tolhidos ainda na infância, quando pais e professores tentam forjá-los à sua maneira, ignorando sentimentos e emoções, ainda incompreensíveis para as crianças. Os pais exigem dos filhos que os mesmos desenvolvam valores, sem, no entanto, mostrar-lhes com exemplos, tais valores. Para eles (os pais) o filho precisa estudar, no entanto, não há incentivos para isso. Não conversam com os filhos, daí não perceberem a visão, a capacidade de percepção que o filho tem, do mundo. E ditam regras que a criança aceita, pois não sabem rejeitá-las. São essas crianças que estão aí, com seus defeitos e virtudes, em nosso meio, implorando ajuda que mesmo nós, os professores, muitas vezes não percebemos ou fazemos de conta que o problema não é conosco. É preciso que sejamos mais abertos, mais receptivos aos apelos dessa nova geração que revela uma nova consciência, uma nova forma de ver o mundo e entendê-lo.

Palavras-chave: Crianças. Comportamento. Valores. Dificuldades.

ABSTRACT: This article has as main theme an analysis on the lack of understanding from parents, schools and teachers regarding to children of nowadays and their behavior face to a different world and a different environment in which we, the adults, were raised. It aims to reflect about the children's behavior at kindergartens and schools, listening to what they think of themselves in face to the conflicts with parents and teachers, and the reason of those happenings. The reports of them bring to our attention complex situations and misunderstandings about what kids want and what they really like, so from the parents as from the teachers. During the interviews, the children treated like problematic by their parents, as well as by teachers and society, are children who have dreams, who want to be responsible, who want to be someone. However, it was noticed that, in most of the cases, these dreams are restrained, still in their childhood, when parents and teachers try to forge them in their own way, ignoring their feelings and emotions, still incomprehensible to children. Parents require their children to develop values, without, however, showing them through examples, those values. For them (the parents) their child needs to study, however, they give no reasons to do so. They do not talk to their children, so they do not realize the vision, the ability of perception of the world that their child has. Parents dictate the rules that the child only accepts, because they do not know how to reject them. Those are the children we see around us, with their flaws and virtues, begging for help that even, the teachers, often do not realize or we pretend that the problem is not ours. We must be more open minded, more receptive to the necessities of this new generation that reveals a new awareness, a new way of seeing the world and understanding it.

Keywords: Children. Behavior. Values. Difficulties.

Alguém já disse que “crianças são Espíritos que renascem para poderem evoluir mais e chegar ao Espírito Criador...”. E o que encontram aqui? Famílias bem estruturadas? Seres evoluídos? Como são de fato algumas crianças de hoje? Acusamos as de serem hiperativas, com transtornos diversos.

Estamos assistindo ou vivendo um desmoronamento de um tempo? De uma sociedade que se diz comprometida com a vida? Com os valores sociais? Comprometida com os filhos dessa geração? Ter mais tempo para que? Estamos fazendo um futuro seguro com o que aplicamos as nossas crianças hoje?

Perdemos tempo em coisas de menos importância do que ouvir o outro ou então que nos escutem. Não queremos perder tempo em ouvir nossas crianças e falamos que eles precisam ter conteúdos para passarem no vestibular, para irem bem na vida.

Qual vida?

Na sociedade extremamente competitiva e individualista onde estamos debandando para o lado de esquecer o humano que habita em nós e onde se usa somente um dos lados do cérebro, todos sentimos o lado emocional embora façamos força para escondê-lo, negamos de todas as formas sua existência e as crianças sofrem muito mais por isso, como podemos auxiliar as crianças a serem livres e independentes com criatividade apregoada nos livros e portais filosóficos das escolas?

Queremos que o outro use apenas a razão para enfrentar determinadas situações no cotidiano, fragmentamos o ser humano em gavetas paralelas sem uma ter contato com a outra, e sabemos que estudar somente alguns aspectos, vamos incorrer em riscos possíveis. Quando se trata de crianças o risco de erro é muito maior.

Em suas análises, Ribeiro (2002, p. 157) afirma que,

O grande problema é que vivemos em uma sociedade onde impera a cultura da razão, cujo valor máximo é a mente cerebral e controladora, em detrimento das emoções e da intuição. Sob a ditadura do raciocínio, fica mesmo difícil, senão impossível estabelecer uma conexão com a divindade interna, o que faz com que as pessoas vivam desconectadas de si próprias, incapazes de se ligarem em sua intuição.

O autor aprofunda sua reflexão com um pensamento magistral onde comenta o despreparo dos pais em entender um pouco mais as crianças que também são filhos, numa sociedade onde se valoriza mais o pensamento racional, esquecendo-se que as crianças ainda não sabem lidar com essa situação onde se envolvem os sentimentos e emoções, e como conhecemos pouco sobre sentimentos, emoções sobre como isso afeta as crianças, ignoramos suas reações, suas falas sobre isso:

Essa deformação começa na infância com o total desconhecimento dos pais a respeito do assunto e o desrespeito por tudo que lhe pareça fantasia e excesso de imaginação dos filhos, impedindo que desabroche o seu verdadeiro ser, que é pessoal e muito particular. Essa tentativa que a pureza da criança permite talvez seja a última oportunidade que ela tem de trazer ao seu consciente esse verdadeiro poder divino. Anulada, ela ficara dormente para sempre, seguindo as rígidas leis sociais que disciplinam e intelectualizam as crianças, tornando-as matemáticas, intelectuais e perdendo, assim, essa fabulosa força intuitiva e verdadeira, a única capaz de agir sobre o seu soberano destino (RIBEIRO, 2002, p. 157).

Ou seja, os pais querem cada vez mais que os filhos sejam campeões! Recém-fecundados, já querem saber o sexo dos filhos para os encaminharem para carreiras de sucesso. Impõem regras, horários para todo tipo de esportes e atividades aquém. Esses sofrem uma pressão muito grande e possuem pouco tempo para serem crianças de fato. Escolhem roupas, pinturas no quarto, camisetas e bandeiras do time de preferência dos pais e padrinhos. Mais tarde, cobram que as crianças tenham criatividade e essa já foi abortada muito cedo.

Em seu livro, *Crianças Hoje*, Losey (2008, p. 21), afirma:

São uma nova geração de crianças – inegavelmente mais evoluídas do que as gerações passadas -, que veio a esse mundo com dons muito especiais... Ensinar-nos que só podemos ficar à vontade quando todo mundo se encaixa nos moldes tradicionais e tem uma aparência e atitudes como as todo mundo. Os tempos são outros. As Crianças de Hoje são um salto emocionante na evolução humana.

Sofrem! Ficam cada vez mais perdidas! Hipersensíveis e muito mais frágeis. Chegam aqui para evoluírem e vejam no que se transformam. Seres doentes. Essas crianças são vistas como problemáticas e causam desconforto nos meios sociais em que vivem. Elas não são iguais às demais crianças que já foram forjadas nas normas sociais.

Ainda de acordo com Losey (2008, p. 25),

Este comportamento aparentemente disperso cria um mal-entendido entre professores, pais e outros cuidadores, que supõem que a criança tenha uma deficiência de aprendizagem ou outro problema qualquer que a torne incapaz de seguir o raciocínio lógico linear. Eles então se esforçam para fazer a criança seguir certas normas sociais e, com o tempo, são recompensados com mais indisciplina. Muitas dessas crianças são vítimas do sistema público de educação e tachadas como crianças problemáticas.

Com o Espírito sem uma direção clara, o corpo é preparado para o consumo e para consumir e por isso agarram-se nos valores que lhes são mostrados.

“Seres de outro planeta” que chegam para aprenderem algo de bom. No entanto, para poderem aprender algo de bom e evoluírem precisam de modelos, de espaços apropriados para isso. Não somente ouvirem falar em valores. Precisam ver os valores sendo aplicados

pelos seus mentores. Mas o que encontram? O que observam? Qual o exemplo que tem como modelo?

Pais e mães estão mais preocupados com o salário dos jogadores, com a cor do penteado daquela artista, de quem vai ficar com quem na novela e de tantas mais preocupações importantes na vida. Dá-se mais valor para a tecnologia do que para o desenvolvimento humano. Mesmo sabendo que um computador é importante para podermos nos comunicar com o mundo e com os demais, ele não pode fazer coisas que só os humanos fazem.

Esses pais têm dificuldades em conversar com os filhos, também não foram preparados para essa tarefa, que é complexa, em expressar seus sentimentos e na hora de se expressar provocam dúvidas interpretações. Geralmente somos cruéis conosco quando mentimos sobre os sentimentos, sobre o que estamos passando e deixamos de ser sinceros quando tratamos mal a criança ou, o outro com quem convivemos.

Então precisamos cuidar um pouco mais com o que expressamos para o outro.

Mas em relação às atitudes, as falas com as crianças precisamos ainda ser mais cuidadosas, pois, a linha que divide o real com aquilo que a criança sente e entende é muito tênue.

Desde bebês são apresentadas para a Televisão de onde podem tirar “lições importantes para suas vidas futuras”. Os pais transformam seus filhos em máquinas consumistas de produtos fúteis e desprovidos de sentidos. As crianças começam a serem virtuais e menos reais. Uns não relutam para saírem dessa situação e viram autômatos, meros reprodutores de situações. São apresentadas aos “inocentes desenhos animados” e aos poucos são acostumados com a violência.

Alguns “estudiosos” dizem que assistir a esses desenhos infantis nada influenciam no desenvolvimento de mais violência, mas, tenho minhas dúvidas. Nossa hipocrisia é grande. Nossa fala como pais e professores é linda, mas nossa ação é uma incoerência total! Muitos pais, por não conhecerem as crianças que tem e, por terem se formado em uma cultura de violência e intolerância, incentivam a essas atitudes. Incentivam as crianças a baterem nos outros se receberem violência dos outros... é aquele ditado que os pais dizem para as crianças: “... se te baterem bate de volta...”. algumas crianças respondem que isso é feio e que não se deve fazer isso e sim perdoar o colega!

Nossas crianças, nossos adolescentes não nascem delinquentes. São apenas seres complexos, provem de um caos ordeiro e são jogados num mundo em desordem e queremos

que se auto organizem. São nossos filhos, são os representantes da nossa sociedade. E por isso sofrem! Cedo descobrem que precisam mentir para poderem conseguir algumas coisas dos pais. Agradar aos pais para poderem ter reconhecimento. E somos seres que repetem os atos aprendidos na convivência social. Repetimos certos “padrões” que nos são impostos pela família, principalmente, e vamos agindo sem pensar de fato no que fazemos.

Como bem esclarece Oaklander (1980, p. 25),

Com frequência as crianças são obrigadas pelos seus pais a mentir. Estes talvez sejam severos ou inconsistentes demais, pode ser que tenham expectativas demasiadamente difíceis de serem correspondidas pelas crianças, ou talvez não sejam capazes de aceitar a criança como ela é. A criança é então obrigada a mentir como uma forma de autopreservação.

Rafael, 5 anos, comenta: “... não gosto quando meu pai pede pra dizer no telefone que ele não está...”, “... depois brigam comigo quando digo uma mentira do que fiz na escola...”. Laura, 4 anos, também comenta essa questão: “... a mãe vai dormir e pede pra mim dizer pra quem vem que ela saiu...”. Marina, 7 anos é mais enfática: “... até na escola fazem a gente mentir, e quando fizemos isso até recebemos elogios e pra não receber um castigo mentimos e denunciemos os colegas...”.

Será que estão se encontrando nos nossos exemplos? Será que os vejo como nosso jardim? Será que essas crianças nascem prontas?

Creio que não haverá futuro muito longo, da forma como as crianças estão se formando, pelos valores humanos que estão sendo repassados para elas. A semente que estamos colocando na terra vai produzir o que a semente está predestinada. A terra nova é fértil!

Uma criança “normal” de um centro urbano, a partir dos 2 anos de idade até os 7 anos assistiu em média a 3 horas de televisão, então quando chegar na idade escolar, agora 5 anos, ela já assistiu mais de 5.000 horas de programação de televisão. Praticamente sempre incentivada pelos pais. Será que ela precisa dessas informações? São estimuladas ao consumismo, à erotização, à competição, à individualização. Você, leitor, acredita que os produtores dos programas estão preocupados com quem vai assistir a ele? As redes de televisão “dar aulas” sobre Ética? Isso que os pais ainda as colocam nas creches, nas escolinhas para que “outros” as cuidem. Ficam mais tempo fora de casa do que com os pais.

Esperam o que, dessas crianças? São crianças, adolescentes desamparadas, deixadas sem eira nem beira naquilo que uns dizem ser família.

No período da vida que nascem alguns valores permanentes na criança elas ficam sem um acompanhamento sério e confortável e depois fica mais fácil chamá-las de delinquentes, de assassinos. Sim, têm casos em que a criança e o adolescente precisam ser internados para “reeducar”, mas, em um ambiente propício.

André Luiz, 5 anos de idade, na hora do recreio na escola, estamos sentados no banco no pátio, e ele começa a falar: “... professor tu vai na missa?” Respondo que as vezes vou e, ele continua a falar sobre o que observa: ‘ ... nós vamos todos os domingos e sempre vejo que quando o padre diz que é para comungar todos querem ir no mesmo tempo e dá uma ‘misturança’ de pessoas na fila... parece que não vai ter para todos a comunhão... todos com presa ou medo?”. E com um suspiro, ele completa a reflexão: “ainda bem que aqui na escola “fizemo” uma fila mais “ordera”. Como responder essa pergunta? Que visão essa criança esta tendo do mundo, das pessoas com que convive? A sensibilidade, a capacidade de percepção dessa criança é enorme. Esta atenta aos fenômenos que ocorrem ao seu redor e permite que outros fiquem “incomodados’ com suas ponderações.

Criança normal? Essa criança inventa seu mundo? Ela inventa o que observa? Inventa outros mundos para tentar viver melhor? De onde vem essa capacidade de observação e de reflexão?

E o mesmo menino ainda diz: “... muitas vezes eu queria perguntar umas coisas pra mãe ou pra professora, mas tenho medo... já me xingaram”. Sim, muitas vezes elas tem medo e sofrem caladas.

E conforme diz Meg Blackburn Losey (2007, p. 158) “e muitas dessas crianças não contam essas coisas a ninguém. Vivem dia após dia confusas e cheias de medo. Quanto mais perturbadora a situação, maior o sentimento de desânimo e abatimento. Algumas dessas crianças de fato passam a acreditar que são influenciadas ou possuídas por entidades sombrias. Na maioria dos casos isso não é verdade”. Sofrem num silencio constrangedor.

Quem é habilitado para reeducar? A “sociedade” que as critica é a mesma que as educa! Seus pais são ausentes mesmo presentes. Oferecem o celular para não precisarem estar sempre conversando. Colocam o computador com jogos para não molestarem na hora do “descanso”. Crescem e se desenvolvem sem limites. Seus limites são os de consumo desenfreado de mimos desnecessários.

Nos dizeres do notável Saltini (2008, p. 69),

A criança aceita de bom grado uma regra, pois, ao contrário do que pensam os adultos, ela é ávida em aprendê-las; não possui resistência a elas, porém foge do caos que nós (adultos) provocamos em sua cabeça, quando formulamos uma regra e, a seguir, já colocamos junto com ela inúmeras exceções para não cumpri-las. Portanto, parece que, na maioria das vezes, mais confundimos do que esclarecemos, o que a deixa atordoada, perdida, insegura e resistente.

As crianças são ensinadas a serem o que são, assim como nós fomos educados. Não nascemos prontos! Somos seres complexos e interessantes. Cada qual com suas características individuais e, praticamente não vemos, não notamos como o outro se desenvolve, muito menos nem sabemos quais os paladares apreciados dos que nos acompanham. É só observar o outro para notarmos pequenos detalhes da sua complexidade, dos seus comportamentos e das suas preferências. Não notamos como se verbaliza sua construção como seres humanos das crianças ao nosso redor.

Somos a interação com o outro. As crianças aprendem interagindo com os adultos. Vão crescendo com a impressão que estão sendo bem cuidadas e nós adultos fizemos quase de tudo para dar essa impressão.

As crianças estão observando o que dizemos e o que fazemos e por isso podemos esperar muito pouco de muitas delas. Estão crescendo sem a mínima vontade de seguir adiante e de participarem da fantástica viagem do convívio social. A criança muitas vezes se educa sozinha. Em muitos casos acorda pela manhã e precisa fazer sua higiene sozinha e se arruma sem ninguém para lhe ajudar na escolha de sua vestimenta.

Nenhum adulto para ajudar. Às vezes, apenas tem um leve contato com quem trabalha na sua casa, e é ela mesma que dá as ordens da casa naquele dia. Quando chega à escola é outro adulto que lhe dá ordens e fica muito confusa e perdida. Isso gera um conflito interno intenso que se manifesta, por vezes em rebeldia, em desinteresse pelo conteúdo, ou em outras formas de enfrentamento com a realidade escolar. Criou-se com poucas regras e agora precisa conviver com elas.

Conceder a palavra às crianças não significa fazer-lhes perguntas e fazer com que responda aquela criança que levantou a mão em primeiro lugar. Dessa forma, conseguem-se somente lugares comuns e estereótipos, isto é, a primeira coisa que vem à mente, e suscita-se, entre elas, uma forte competição: quem sabe responde primeiro. Conceder a palavra às crianças significa, pelo contrário, dar a elas as condições de se expressarem (TONUCCI 2005, p.17)

Apenas dizemos que as escutamos, e isso é muito mais amplo do que pensamos, e o autor supracitado completa sua reflexão:

Para que as crianças possam se expressar e tenham o desejo de fazê-lo, é preciso que os adultos saibam ouvir. Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar compreender, dar valor às palavras, às intenções verdadeiras de quem fala. Todas as crianças falam, mas nem sempre os adultos são capazes de perceber a mensagem. Quando as crianças compreendem isso, tudo se torna mais claro e mais fácil (TONUCCI, 2005, p. 18)

Junior, 6 anos, no 1º do ensino fundamental, numa manhã comenta: “... queria ficar em casa sozinho e ouvir música. O pai e a mãe ontem de noite queriam que eu ficasse com eles vendo futebol na TV e eu não queria e tive que ficar acordado com eles até quase terminar o jogo e aí não conseguia dormir depois”. Como conseguir a atenção dessa criança na aula pela manhã? E quantas crianças mais chegam à escola, enfrentado a mesma situação? Os pais entendem o que sobre desenvolvimento da inteligência?

A criança não é teimosa porque quer. Isso também faz parte da intencionalidade do ser. Muitas vezes elas sentem necessidade de fazer afrontas aos adultos para podem aprender a ter limites e, isso é um pequeno desafio que ela necessita enfrentar para seu desenvolvimento. Os pais é que devem estabelecer regras para que a criança encontre um equilíbrio para a convivência pacífica com seus pares. Algumas crianças exageram sim nas suas afrontas às regras da convivência. Como não têm limites em casa no convívio social sofrem, pois não se controlam.

Somente punir de nada adianta. Na maioria das vezes é apenas um paliativo que a faz ficar com mais raiva e abatida.

Paulo, 7 anos, inquieto, briguento na escola, com uma enorme dificuldade em aprender os conteúdos do 2º ano. Chorava muito depois das brigas e repreensões. Sua mãe já fora chamada várias vezes na escola. Tomava remédios para controlar sua ansiedade, pois diziam que tinha transtornos. Dizia estar sendo injustiçado, que aquilo ali não era para ele, e que tudo o que fazia era errado, que era um menino mau e que fazia seus familiares sentirem vergonha dele, mas, o que queria era diferente. Queria aprender música e não via sentido nos outros conteúdos. Sentia-se ignorado em casa e na vida social. Era e é um menino diferente. Não conseguia entrar no sistema. A punição sem sentido só lhe fazia mais mal.

Isabel, 6 anos indignada, comenta: “... fico buzina quando chamam os outros de idiotas e tolos... me dói aqui dentro... somos gente que tá aprendendo e não sabemos tudo ainda... queria que respeitasse todos...”. Geralmente queremos que todos nos respondam como queremos mas, para desespero nosso, eles e elas são diferentes!

Sobre punição, ao descreverem crianças índigo, Carrol e Tober (2005, p. 108) apresentam a seguinte conclusão:

Punição é algo que não funciona com essas crianças; apenas causa medo, faz com que comecem a julgar as pessoas e os acontecimentos, gerando raiva e mais conflito. Sua reação faz com que se tornem rebeldes e que sintam ódio, o que é perigoso para elas e até mesmo para a vida das pessoas ao seu redor. Evite puni-las! A disciplina correta ensina as crianças pela lógica e pela conscientização das possíveis consequências de seus atos. Mostra o que fizeram de errado e seus problemas e a possibilidade de corrigir seus erros, sem afetar sua dignidade.

As crianças precisam de orientação com paciência! Ninguém gosta de ser ignorado e ser maltratado na presença de outras pessoas. A criança em desenvolvimento aprende com a dor esses sentimentos. Os adultos doentes abrem mais feridas nas crianças, assim como a grande maioria dos professores, e desconhecem o processo do desenvolvimento da inteligência e da aprendizagem.

Para conhecer um pouco mais sobre o que acontece com uma criança segue o relato de um menino de 6 anos, que chamo de Euclides:

“... sou um aluno comum numa escola comum, e sou tratado como se não existisse, sou quase invisível e creio que outros alunos se sentem assim. No começo, minha mãe sempre me levava para a escola e sempre ouvia coisas boas sobre ela, que a escola era um lugar muito legal. Minha mãe e meu pai pouco conversavam comigo. Minhas conversas era com meu irmão mais velho e muitas vezes ele dizia que eu era meio doido. Que eu era muito diferente e que não era pra eu falar umas coisas com os outros que iriam me chamar de doido. Eu estava invisível para todos na escola. Não me ouviam. Me criticavam e não aceitavam minhas falas e críticas. Um dia discordei da fala da professora e me mandaram para a diretora. Ela disse que eu não podia discordar da professora na frente dos outros alunos e que eu devia respeitar sempre os professores que estavam ali para ensinar nós... tentei falar do meu ponto de vista e ela me chamou de mal educado e que chamariam meus pais. Fiquei quieto e me mandaram para a Coordenadora que me deixou ali sozinho uma meia hora remoendo minha dor. Estava com uma raiva de todos... com raiva de mim por ser assim. Juro que eu queria ser diferente... parece que só eu penso assim. Se pelo menos me ouvissem... saber o que eu sentia e sinto... mas são poucos os que se interessam por mim... eles nem param um pouco para ouvirem o que temos para dizer. Acredito que não sou dividido em partes como uns querem que a gente seja e querem que eu seja educado. Naquele dia fiquei fora da sala de aula... fui na biblioteca ler... fiquei um pouco no corredor e quando bateu o sinal peguei minhas coisas e sai... meus colegas riam de mim. Quando minha mãe veio na escola, disseram que eu incomodava... e que quem sabe era para me levarem para consultar para ver o que podiam fazer e quem sabe

eu precisava de uns remédios para me acalmar... e a mãe aceitou em me levar na psicóloga para ver o que eu tinha. Chorei muito e pedia porque Deus tinha me deixado assim...”

Sua voz era cortada por pequenas pausas, baixava os olhos e logo estava falando e disposto e completou uma parte do relato de maneira simples e direta: “... eu não sei como eles eram como pequenos... o que eles passaram então deixa eles tranquilos e faço o que eles querem mesmo que esteja sofrendo e acredito que tem muitas crianças assim como eu por aí... o que posso fazer por enquanto é isso e deixar eles pensarem que estão certo...”.

Como tratar de um assunto assim? O que dizer e fazer para uma criança assim? Estamos mais preocupados com nossas verdades e certezas!

Valorizamos o espírito crítico, a inquietação e a superação serão possíveis com ações desse tipo, tanto na escola ou nas relações familiares? Essas crianças conseguirão se superarem sozinhas em ambiente onde não conseguem expressarem seus problemas, suas angústias, suas tristezas e inseguranças?

Endeusamos objetos e na era da comunicação global, estamos nos esquecendo de ouvir localmente nossos familiares e amigos. Conseguimos esquecer quem fomos nós. Esquecemos nossa infância. Também não nos deram voz e nossos pais queriam que fôssemos independentes.

Quando ouvimos crianças, praticamente todas são unânimes em afirmar que nas suas casas não possuem voz ativa nas decisões tomadas. Apenas precisam obedecer. São somente seres de corpo presente com raras possibilidades de um pleno desenvolvimento

Conforme ensina Oaklander (1980, p. 339).

A criança que diz: “Meus pais não me escutam. Eles nem sabem quem eu sou!” é uma criança cujos sentimentos têm sido desconsiderados. O pai que diz: “Eu conheço, sim! Ele gosta de jogar bola, prefere mais estar com os amigos do que conosco ou de fazer a lição de casa, gosta de música, fica bravo com facilidade...” não tem a menor ideia dos verdadeiros sentimentos do filho em relação a nada. Alguns pais admitem: “Eu simplesmente não a conheço mais. A filha há muito parou de exprimir aos pais seus sentimentos, dúvidas, preocupações e curiosidades.” Ela tem sido demais ignorada, censurada, desconsiderada. Quando tenta manifestar seus sentimentos e opiniões, o que pode fazer vez ou outra, percebe a desaprovação e a discordância deles, mesmo que a procurem escutar polidamente.

Quando chega à idade adulta esqueceu o porquê de ter nascido. Fica apenas repetindo o que os outros lhe dizem. Estão sem voz.

Uma nova geração de crianças está surgindo. Geralmente os pais não observam seus filhos, como se manifestam, como reagem a determinados lugares, com determinadas pessoas. Nem percebem suas falas.

Igor, 3 anos frequenta a creche. Numa tarde quando a mãe o busca na creche tem uma surpresa. Comenta para a mãe: "... hoje veio uma mulher na sala pra ficar no lugar da profe... eu não obedeci e levantei umas vezes e aí ela me colocou no banheiro sozinho e aí fiquei quieto...". A mãe ficou apavorada com a situação e disse que iria conversar com a diretora. A mãe ficou mais apavorada com o que o Igor disse: "... mãe pode deixar assim que eu já perdoei ela." A mulher em questão era uma estagiária, e como a professora havia saído da sala e ela ficara sozinha com as crianças, tomou tal atitude. Durante a janta a mãe quis contar para o pai do ocorrido na sala e o menino novamente falou que era para esquecer o assunto, pois ele já tinha perdoado a mulher. Os pais ficaram calados, mas no dia seguinte comentaram com a diretora na creche.

Ana Julia, 4 anos, filha de agricultores, frequenta o pré escolar, questiona muito seus familiares sobre as questões do mundo, da alimentação. Na escola sofre, pois não consegue enturmar-se com os demais. É diferente dos demais, pensa e age com uma determinação própria, que é muito diferente das outras crianças. Começou a ser autônoma mais cedo. Acompanha o desenrolar das brincadeiras do começo ao fim, sem brinquedos prontos, comprados nas lojas, ela sabe todo o processo de fabricação dos mesmos. Adquire latinhas, fios, pedaços de pano, agulhas e papel, apreendeu com seu avô a construir seu caniço de pescar, acompanha seus pais na pescaria, mas vai somente para brincar e pergunta: "... os peixes também vão para o céu? Então por que comer eles?"

Esses grupos de crianças são mais psíquicos e muitas vezes com seus olhos profundos parecem ver a alma da gente. Suas falas são certeiras e reflexivas.

Essa nova linhagem de crianças são dotadas de um alto grau de liberdade e responsabilidade, e com uma harmonia espiritual muito elevada surpreendendo seus familiares e professores.

Apesar de todos os esforços dos pais para que sejam crianças iguais às outras, continuam fazendo um diferencial. Fazem sua própria reflexão e se engajam no mundo real para propiciar uma vida tranquila para si e para os outros. Gostam de aventuras é impressionante como tratam os animais.

Elas correm o risco. Rejeitam as coisas prontas e fogem do sedentarismo, percebem os alimentos que lhes fazem mal. Essas crianças rejeitam a superproteção que os pais insistem em fazerem, deixando-as numa redoma e tentando impedi-las de serem percussoras de suas histórias. Elas chegam para desfazer os conflitos e sofrem com as injustiças. Defendem seus colegas e são exigentes na questão com o respeito, com a dignidade e a autoestima do grupo

em que participam, reorganizam-se e vão vivendo a nova sociedade. Independentemente e diferentemente de outros seguem firmes e nos olham com piedade com questionamentos implicantes. Muitas vezes podem não participarem de atividades, de brincadeiras com os demais por acharem aquilo tudo uma farsa, fazer as coisas para agradar os adultos.

Cada vez mais o espírito da descoberta, da procura, do inventivo e da individualidade é massacrado em detrimento de coisas, de brinquedos, de textos e de receitas prontas para todas as situações estão surgindo e sendo impagáveis.

Temos muitas crianças superprotegidas, superdependentes dos pais, sedentárias, sem brincarem e sem autonomia. Mas o que geralmente esquecemos são dessas crianças especiais que estão surgindo e trazendo qualidades que estavam sendo esquecidas e, ou são tratadas como crianças com problemas mentais, doentes e recebem os mais variados tipos de remédios controlados para se acalmarem.

Estamos vivendo momentos dramáticos de transformações de valores e cada vez mais ficamos distantes da vida em conjunto, da convivência harmoniosa entre adultos e crianças, sobrevivemos fragilmente com pouca sustentabilidade e aquelas crianças que poderiam crescer e se desenvolver saudáveis, aos poucos vão ficando doentes, deprimidas e transformam-se em seres mecânicos, seres isolados. Essa visão tecnicista de modelo reducionista e fragmentado somente deixam as crianças com capacidade de reproduzir ações e modelos, transformam-se em meras copiadoras.

E Jean, 3 anos, conversando com a professora na creche: “... gostei dessa sua blusa azul... comprou onde?”

A professora responde e diz que ganhou da diretora da creche e ele responde de maneira certeira: “... espertinha você hein?”.

Janaina, 4 anos, com um livro nas mãos comenta com uma candura fantástica, quando perguntada se gosta de ler: “...creio que na outra vida fui uma árvore... adoro folhas de livros...”

E o que dizer da fala da Carla, 5 anos: “... claro que quero ser responsável na vida... quero estudar... fazer faculdade... casar e ter filhos e a mãe disse que sou irresponsável de eu ter esquecido a blusa no carrinho do mercado... isso não está certo...”. Isso é mais uma prova de que estamos mais preocupados em preparar nossas crianças pra um futuro incerto, do que prepara-las para um futuro feliz onde possam se desenvolver plenamente.

Quantas dessas crianças estão perdidas por aí, mesmo com a capacidade de discernimento avançado, precisam ficar escondidas, baixam a cabeça e aceitam o que os

adultos, os pais lhes dizem e para que os pais fiquem mais confortáveis nos grupos a que pertencem.

Creio ser necessário, prestarmos atenção muito nas falas das crianças, nas respostas, nas suas ações e nas suas “dificuldades”, pois muitas são tratadas como doentes, com transtornos de déficit de atenção com hiperatividade e recebem medicamentos químicos que apenas vão resultar em mais “estragos” na vida delas. E o tratamento seria bem mais fácil se prestarmos atenção nas suas propostas. Elas são diferentes e por isso precisam serem tratadas diferentes, nos chegam com outros atributos, com outros talentos dos quais não estamos acostumados.

Para remediar essas situações de negligência, qual caminho devemos trilhar? Devemos repensar nossos objetivos sociais em relação às situações apresentadas? Como devem ser as ações dos pais perante as crianças? Como ajudar as crianças a encontrarem seu próprio caminho?

Crianças que procuram de todas as formas, de todas as maneiras, com um esforço redobrado para conseguirem se desenvolver, para ampliarem seus conhecimentos e participação na sociedade. Sua força, sua dedicação, sua consciência mais desenvolvida vai afetando outros seres e abrindo novas perspectivas de vida. Uma nova consciência para uma convivência mais harmoniosa, apesar das dificuldades.

A época de vivência na escola deve e precisa ser fundamental, de decisões delicadas enquanto temos tempo para agir de maneira correta e precisa nos novos acertos em relação a vivência da criança no meio em que vive. As avaliações nas escolas são rigorosas e não possuem meio termo, o lado emocional da criança tem pouco valor e o que interessa é se ela consegue repetir o que lhe é mostrado. Se conseguirem fazer a repetição dos dados, a alegria, então, se torna geral. As crianças que não conseguem são chamadas de fracas, preguiçosas e indisciplinadas.

Uma consciência livre presa num corpo fechado;

Estamos pagando um preço muito alto por isso que foi criado até agora para que as crianças serem o que são e, vamos ter que pagar um preço maior ainda para construirmos um mundo melhor. Um novo tipo de geração está se formando, com uma nova constituição, com uma visão diferente daquela como fomos formados, com outros anseios, com novas e diferentes necessidades e capacidades.

GREEN & BIGUM (1995, p. 218), complementam: “... quando os alienígenas entram e tomam seus acentos esperando (im) pacientes suas instruções sobre como herdar a terra...”

Elas precisam ser levadas a sério, ser apoiadas, precisam de ajuda. Precisamos parar e ouvir com a máxima atenção suas falas. Muitos pais, por conta própria já estão fazendo diferente nas suas ações.

Sim, essas crianças estão entre nós, cheias de defeitos, com seus olhos vivos e repletos de vida revelando nosso despreparo para enfrentar situações que nos levam além da compreensão e de nossa inabilidade em dialogar e aceitar os diferentes. Aquilo que levamos anos para construir, nos dizem ser depura nulidade, que não servem para eles. Não são chatos mas incomodam, Nos revelam traços fundamentais da nova consciência do ser que nós fazemos força para esquecer, e, diante disso tudo parece que nossa data de validade está se expirando.

Então dissemos: ‘... puxa, cara, como tu é complicado...’! “... porque você não faz como todo mundo...”!

O certo é que pais, professores, não podem mais continuar quebrando, separando os sentimentos e esperanças de um grande numero de alunos, de crianças, adolescentes, que apesar de toda essa pressão e desestímulo ainda resistem, sonham e são alegres.

As mudanças, as transformações não acontecerão rapidamente, facilmente, mas com a perspectiva de analisar, de refletir mais profundamente as contradições existente nas nossas relações no cotidiano, abre mais possibilidades de se encontrarem caminhos alternativos para incluírem todos no desenvolvimento de grupos sociais pluralistas que atendam aos interesse e necessidades de todos

O certo é que um trabalho isolado, não compartilhado, dificilmente atingira amplamente os objetivos de aceitação do outro diferente de mim!

O tempo certo para começar é agora! E estão abertas as discussões sobre o tema que é amplo!

REFERÊNCIAS

CARROLL, Lee – Jan Tober. **Crianças Índigos**. Butterfly Editora, São Paulo, 2005.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não se desespere**. Vozes, 2013.

GREEN, Bill, BIGUM, Cris (1995). **Alienígenas na Sala de Aula**. In: SILVA, Thomas Tadeu da. Petrópolis, Vozes.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimo Crianças**. Summus, São Paulo 1980.

LOSEY, Meg Blackburn. **Crianças Hoje**. Editora Pensamento, São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Nuno Cobra. **A Semente da Vitória**, 25ª ed. Editora SENAC São Paulo, 2002.

SALTINI, Claudio. J. P. **Afetividade e Inteligência**, 5ª Ed, Wak Editora, Rio de Janeiro, 2008.

SINAY, Sergio. **A Sociedade dos filhos órfãos**. BestSeller, 2012.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Artmed, Porto Alegre 2005